

No capítulo 4, “Preparativos”, o autor destaca a importância do planejamento e da logística adequada para uma gravação sem sobressaltos, antecipando possíveis problemas e satisfações encontradas em um estúdio. Destaca aspectos de fisicalidade que distinguem e singularizam a produção de *stop-motion* em relação a outras formas de animação. Para tanto, oferece dicas de *storyboard*, pré-visualização, altura do cenário, escolha de planos, tecido (no que concerne à indicação de escala e implicações expressivas), paletas de cor (em relação às respostas emocionais).

No capítulo 5, Purves oferece uma classificação pontual de como é importante extrair o máximo de cada elemento da composição narrativa, de forma a não engessá-los como mera peça decorativa. Enquadramento, corte, música, sincronismo labial, fluxo narrativo e efeitos são evidenciados como marcantes elementos que ajudam a contar uma história.

As dicas do último capítulo do livro revelam uma preocupação do autor em evidenciar a importância do equilíbrio emocional do realizador e a necessidade de organização para a produção. Sim, produzir *stop-motion* é massante e é preciso estar minimamente preparado. Longos dias de pé, inclinando-se e alongando-se sob o calor das luzes e em condições de pouco espaço para se movimentar, são peculiaridades físicas na produção para o qual o realizador deve estar preparado. Estas condições fatalmente afetarão o ânimo e, por consequência, o resultado final do trabalho. Mas essa é uma preocupação introdutória do capítulo, “movimento e performance” é sua ênfase principal. Na convergência do título Purves distingue a relação entre design e movimento (pés grandes podem levar a uma caminhar cômico), técnica e mecânica de filmagem, metáforas musicais, velocidade, leitura gestual e *timing*.

Desta forma, é possível concluir que o livro *Stop-motion* de Barry Purves se apresenta como uma leitura essencial para animadores iniciantes ou não. Barry descreve um cenário que parte das origens do *stop-motion* passando por uma quantidade sem precedentes de informações sobre leitura e narrativa, até uma gama de orientações relacionadas ao processo e a realização de um filme de animação. Permite, desta forma, que o leitor possa decidir qual o melhor caminho para transformar as suas necessidades expressivas numa obra de animação.

A Filme Cultura e a pesquisa

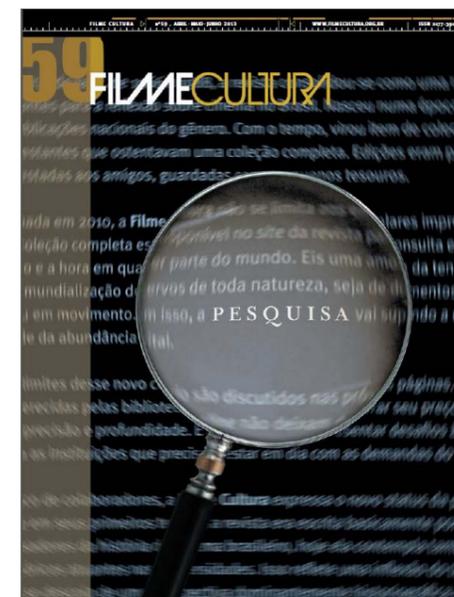
Ivonete Pinto
UFPel

Está circulando a mais recente edição da revista **Filme Cultura** (nº 59), tendo como tema principal a pesquisa. A publicação, que nasceu em 1966, sempre teve seu perfil mais voltado à crítica de filmes, seja a assinada por críticos, jornalistas ou teóricos. De uns tempos para cá, percebe-se que cada vez mais pesquisadores são incluídos entre os colaboradores habituais e a atual edição vem reforçar esse rumo, num reconhecimento para a área, em sintonia com as mudanças no cenário nacional. Ou seja, em sintonia com o visível crescimento do número e da qualidade dos cursos de cinema, da graduação à pós-graduação.

A pesquisa abordada na edição da **Filme Cultura** refere-se ao seu conceito mais abrangente. Os artigos contemplam a pesquisa em documentos, preservação, textos e filmes e analisa o mercado sem esquecer o papel da internet nos novos modos de fazer, divulgar e pensar o cinema.

Editada por dos melhores críticos de cinema de sua geração, Carlos Alberto Mattos, a **Filme Cultura** é produzida pelo Centro Técnico Audiovisual (CTAv), vinculado ao Ministério da Cultura. Cabe aqui um pequeno retrospecto sobre a história da revista, cuja continuidade andou à deriva com a morte de seu diretor Gustavo Dahl. O cineasta, falecido em 2011, foi responsável pela volta da publicação, que estava interrompida desde a edição de número 50. Felizmente, o CTAv e a Associação de Amigos do CTAv, que busca recursos para o projeto, tiveram pulso firme para continuar a empreitada, num trabalho de fôlego e de muito investimento. Quando do retorno da publicação, ela foi reeditada em versão facsimile, reproduzindo as edições de 1966 a 1988, em cinco volumes, onde textos clássicos de críticos e teóricos como Ismail Xavier, Jean-Claude Bernardet, José Carlos Avellar e Moniz Vianna podem ser (re)lidos.

Ao que se saiba, todas as universidades que solicitaram, receberam a caixa completa. Os alunos de cinema, lamentavelmente – até porque



Filme Cultura nº 59
Carlos Alberto Mattos (Ed.)
Centro Técnico Audiovisual, Abril-
Maio-Junho/2013

os cursos são voltados majoritariamente à produção –, em geral não têm perfil de pesquisadores. Tampouco valorizam textos produzidos “antigamente”. Não sabem o que estão perdendo, pois para entender o cinema brasileiro atual é preciso pensar em perspectiva e ver que muitas das iniciativas, crises e ideias criativas de hoje foram plantadas lá atrás. De qualquer forma, para facilitar o acesso, a publicação está na internet (é possível fazer download também) através do endereço filmecultura.org.br/. Nele, estão disponíveis as edições antigas, que foram impressas para a caixa de cinco volumes. Assim, aposta-se que os jovens sem familiaridade com o papel possam se interessar por esta que é uma das publicações mais importantes do País.

Roteiro de documentário

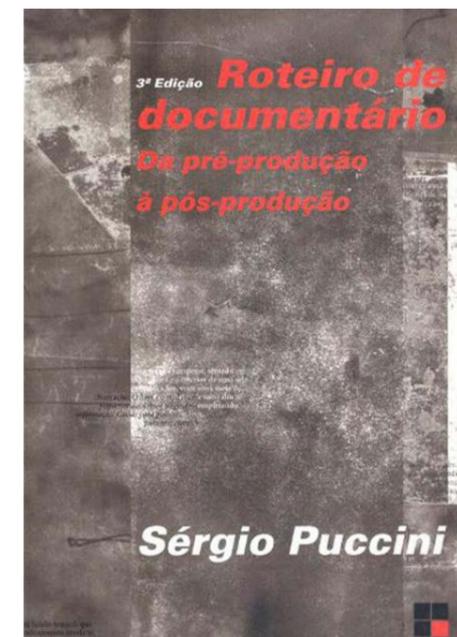
Cíntia Langie
Cineasta e professora de Cinema/UFPel

Ao contrário do que muitos dizem ou pensam, existe roteiro para filmes documentários. E é para explicar o que é este roteiro, o que envolve essa tarefa no gênero documental e quais as características desse tipo de escrita, que Sérgio Puccini reuniu em 141 páginas e nove capítulos as mais variadas informações sobre o filme de não-ficção. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**, lançado em 2009 pela editora Papirus, é um manual completo e de fácil leitura a todos que se interessarem por saber mais sobre o assunto.

Sérgio Puccini é professor do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora e se dedica à pesquisa e à prática do roteiro cinematográfico. Visando mostrar de forma sistemática que escrever roteiro para documentário é diferente de escrever para ficção, Puccini apresenta em seu livro a premissa básica do gênero: o roteiro de documentário não nasce sem a pesquisa e não se finaliza antes da montagem.

Pela incapacidade de dominar todos os elementos que serão gravados – pois se trata de registro do mundo como ele é e de forma documental – não se pode fechar totalmente a narrativa de um filme documentário antes das gravações. Tudo depende do que a equipe irá encontrar durante a etapa de produção do filme, do que os entrevistados irão responder, como irão agir frente à câmera – nem tudo é programado e ensaiado como na ficção. Porém, ao mesmo tempo, sair para as gravações sem realizar um trabalho prévio de levantamento de dados e de sistematização de um esquema de trabalho, torna a prática documental muito arriscada e fácil de cair no “relato jornalístico”.

Para dar conta de toda essa problemática, Puccini dividiu o livro nos seguintes capítulos: 1. Roteiro de cinema e cena dramática, 2. A escrita da proposta para documentário, 3. A pesquisa, 4. O argumento, 5. O tratamento, 6. Situações de filmagem no documentário, 7. Elementos



Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção. Sérgio Puccini, Papirus, 2009